

EDITORIAL

EDIÇÃO: AS DOENÇAS TÊM HISTÓRIA

Prof. Dra. Adriana Zierer
Docente da Graduação e Pós-Graduação de História
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Docente da Pós-Graduação em História da
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5545-5123>
Email: adrianazierer@gmail.com

Prof. Dra. Solange Pereira Oliveira (IFMA)
Docente de História do Instituto Federal do Maranhão
E-mail: solstar22@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5071-4130>

O título da edição faz referência direta ao livro organizado por Le Goff em 1985, contendo vários estudos sobre o papel da doença ao longo do tempo, sob a perspectiva da História dos *Annales*. Esse movimento historiográfico desde o seu início, com os precursores, Marc Bloch e Lucien Febvre, realizou uma verdadeira “revolução documental”, ampliando a concepção de documento histórico, bem como, pregando a aproximação da História com outras Ciências Sociais, através da interdisciplinaridade, daí o fato de, a partir da chamada Terceira Geração desse movimento, as moléstias serem vistas como importantes de serem pesquisadas para a compreensão da sociedade. Jacques Revel e Jean-Pierre Peter já se mostram preocupados com a História do Corpo e sua relação com a doença em um capítulo de *História, Novos Objetos* (1974).

No livro coletivo de Le Goff, publicado na década seguinte, a enfermidade e o corpo continuam a ser problematizados, refletindo os campos social e mental, associados aos saberes científicos e práticas vinculadas às instituições e às mentalidades:

A doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos, como também à estrutura profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades (LE GOFF, 1985, p. 8).

As enfermidades ao longo da História estão também inseridas nas relações entre o ser humano e a divindade, entre corpo e alma, muitas vezes percebidas como um desequilíbrio espiritual e causadas por castigos divinos (SCHMITT, 2014, p. 289). É o que nos mostra por exemplo a percepção sobre a doença no relato *A Peste de Neuberg*, traduzida por Tiago Nápoli e Adriano Scatolin, na qual é vista como um exemplo de punição de Deus pelo cronista anônimo do século XIV.

Com esta edição, a *Brathair* visa contribuir com as reflexões sobre o COVID e a relação com outras moléstias. 2020 foi um ano em que o vírus se alastrou pelo mundo e seus efeitos foram devastadores, provocando muitas mortes.

No Brasil também houve uma contaminação bastante acentuada. Neste sentido, perdemos no início de 2021 a brilhante pesquisadora e medievalista Prof. Dra. Maria do Amparo Maleval, que muito trabalhou para o fortalecimento dos medievais no país, e que ainda tinha muitos projetos importantes em curso.

É importante lembrar que o **Brathair** – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos começou a sua formação no ano de 1999 durante o *III Encontro Internacional de Estudos Medievais*, organizado pela Prof. Amparo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi lá que alguns dos futuros membros do grupo, começaram a tecer conversações sobre a formação de um grupo de estudos celtas e logo depois, como ficou depois, de um grupo de celtas e germanos. O nome desse grupo, decidido depois foi **Brathair**, que quer dizer *irmão* em gaélico.

Portanto, a prof. Amparo, ainda que de forma indireta contribuiu para a formação do nosso grupo de estudos, que também gerou posteriormente a revista **Brathair**, que visa divulgar os estudos celtas e germânicos e a área das Ciências Humanas.

A edição *As Doenças têm História* faz uma homenagem àquela professora através de alguns *depoimentos* como os dos professores Fernando Rodrigues, Márcia Mongelli, Lenora Pinto Mendes e Álvaro Bragança Jr. Os docentes salientam a importância acadêmica da docente no fortalecimento dos estudos medievais, destacando a sua atuação principalmente no Núcleo de Estudos Galegos (NUEG) e na Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM). Também realizou um importante papel na criação do GT de Estudos Medievais da **Anpoll** – Associação Nacional de Pós-

Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, proposto por ela em 2005 na assembleia da instituição e aprovado por unanimidade, como mais uma das suas ações relevantes.

*

Sobre o tema do dossiê, *As Doenças têm História*, muitas vezes vamos ao passado para compreender o momento histórico atual e, através do diálogo com outros tempos, pensar em algumas estratégias para o controle das pandemias hoje. Como as sociedades em diferentes momentos se comportaram diante dos surtos epidêmicos? Boa parte dos artigos do dossiê trata de um tema que se aproxima dos dias atuais: a peste. Em diferentes momentos este mal atacou de forma irremediável um grande contingente populacional de maneira irreversível.

A edição se inicia com o artigo de Jean-Claude Schmitt, importante medievalista e herdeiro da linha de investigações de Le Goff junto ao *Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval* (GAHOM). O autor analisa a História da Peste em diferentes momentos da História da humanidade, do período medieval em diante, refletindo também sobre a relação da doença com uma falta e um castigo que muitas vezes as pessoas acham que precisam purgar. Edmar Checon de Freitas analisa a peste na Gália do século VI, conhecida como Peste Justiniana e como foi abordada por Gregório de Tours em seus escritos.

Há um conjunto de textos na edição sobre a Peste Negra e sobre a relação entre saúde e doença na Península Ibérica. Mário Jorge Bastos analisa as relações entre medicina e saúde pública no Portugal da Baixa Idade Média. O saber médico vai ser a resposta contra as epidemias que circularam no reino entre os séculos XIV e XVI. Também buscando relacionar peste e ação régia, Cleusa Teixeira de Sousa analisa as medidas do soberano português Afonso IV, visando debelar a peste através de leis para minimizar o seu efeito, com auxílio das universidades.

Maria Dailza Fagundes analisa o documento *Regimento de preservação da pestilência*, composto em 1348, por Jacme d'Agramont, mestre na Faculdade de Medicina da Universidade Lérida que, utilizando estudos da Antiguidade e dos árabes, buscou analisar a contaminação do ar e dar orientações práticas à elite local para se prevenir da doença.

Marta Silveira, através da investigação de algumas das fontes legislativas, procura identificar a política monárquica castelhana prevista para a regulação da prática médica e a garantia da saúde dos habitantes do reino.

Raissa Bombini estuda a peste no espaço geográfico da Irlanda entre os séculos XIV e XVI sob o olhar da História e da História da Ciência. Diretamente relacionada à epidemia, a putrefação dos corpos e ao medo de morrer, estão as representações da dança macabra, tema tratado por Julianna Schmitt. Ronaldo Vainfas analisa a epidemia de varíola entre os indígenas e medidas dos religiosos para tentar abrandar os efeitos dessa enfermidade.

Um mal que nos aflige até hoje, o câncer, é tratado por André Costa Aciole da Silva, que analisa o câncer como doença e suas percepções na Antiguidade e no Medievo. Solange Oliveira analisa o papel da doença nos relatos visionários ao Além Medieval. Por fim, Ricardo da Costa discute a representação imagética da peste através da famosa pintura de Bruegel, *O Triunfo da morte*.

A edição também conta com interessantes artigos livres. Claudia Handl, com base num rico corpus imagético contido no *Sachsenspiegel* de Eike von Repgow, manuscrito produzido em Médio Baixo Alemão entre 1220 e 1235, analisa a relação entre texto e imagens acerca da temática do roubo e punição, visando uma melhor compreensão das fontes jurídicas do período. Natalia G. Jakubecki explica a construção retórica da figura do judeu e os elementos antijudaicos na obra *Dialogus contra iudaeos* (c. 1106), escrito por Pedro Alfonso de Huesca. Com base em alguns textos apócrifos, judaico-cristãos, Alessandra Conde da Silva investiga o simbolismo da árvore do jardim do Éden e o mito da mulher de Salomão referenciada em *La Queste del Saint Graal*.

Há também três artigos na área de Teoria de História. José d'Assunção Barros analisa a importância da interdisciplinaridade, ou melhor, das pontes interdisciplinares, possibilitando que vários saberes dialoguem entre si e a sua relação com a Teoria, o Método e o Discurso. Moisés Romanazzi Tôrres busca relacionar a História e os paradigmas relativistas e quânticos da Ciência. Fábio Monteiro Silva discute as relações entre História, Memória e História do Tempo Presente, bem como a sua utilização no Ensino de História.

Como tradução, Tiago Augusto Nápoli e Adriano Scatolin nos apresentam uma edição bilingue (latim-português) do relato latino *Continuatio Nouimontensis* (Crônica de Neuberg), como já apontamos. A narrativa anônima foi escrita entre os anos de 1348-1350, abordando a chegada da Peste Negra à região da atual Áustria. Por fim, Natasha Alhadef Mateus faz a resenha de *Impressões da Idade Média*, livro de Ricardo da Costa em sua segunda edição.

*

Ao pensarmos no provocativo *topos* historiográfico de que também as doenças têm história, no fundo, estamos mais uma vez afirmando a própria historicidade concreta como condição da ontologia humana. Isto significa que, apesar de sua origem ser muitas vezes externa a nossos próprios organismos, salvo o caso de afecções autoimunes, nosso metabolismo cultural e biológico com a natureza é de tal ordem, que as moléstias que nos acometem passam a fazer parte de nós e do processo vivo de nossas existências, o que chamamos de *história*. É neste sentido que podemos pensar na história de nossas relações biológicas e simbólicas com as doenças ao longo do tempo e no movimento dialético do acontecer social.

Da mesma forma, talvez como uma espécie de negação determinada, a cura das doenças, os esforços médicos e iatroquímicos para combater as afecções têm, também eles, sua historicidade. Não existiriam, nem seriam possíveis ou concretamente pensáveis, sem o permanente desafio imposto pelas doenças. Devemos a esse desafio a complexidade da indústria farmacêutica e nossos conhecimentos – sempre históricos – sobre a bioquímica e a genética humanas e de outros seres vivos.

Nesta mesma linha de pensamento, pensamos que não seja despropósito indagar não apenas por que as doenças têm história, mas também, a razão pela qual a História tem doenças. É inevitável aos historiadores formularem esta reflexão em uma conjuntura global marcada pela pandemia do novo coronavírus. Uma possível chave de leitura é a concepção da história como dimensão ontológica de um ser de finitude, um *ser-para-a-morte*, como concebeu o filósofo Martin Heidegger. Se o *Dasein* (o *ser-no-mundo*) humano é temporalmente determinado, não seriam as doenças, no fundo, nossos mais autênticos marcos cronológicos? Se o ente humano é aquele que se singulariza pela indagação fundamental pelo Ser, necessariamente precisa voltar sua atenção e sua

inquietação intelectual para as enfermidades que nos cercam. Não poderia – ou deveria – a História recepcioná-las não apenas enquanto objeto, mas em seu próprio método?

A propósito da COVID-19, uma reflexão vinda da Filosofia da História pode ser virtuosa para pensarmos historicamente – considerando-se *história* enquanto categoria filosófica que estrutura nosso pensamento. Pensamos aqui na Tese XVII de Walter Benjamin em *Sobre o Conceito de História* (1940), segundo a qual pertence ao movimento das ideias, além de sua dinâmica habitual, também a imobilização do pensar, o que implica comunicar um *choque messiânico* ao tempo e a uma determinada configuração de ideias. Trata-se de transformar, intelectual e abstratamente, o fluxo ininterrupto do acontecer histórico em uma mônada, de acordo com o velho conceito de Leibniz, o que permite ver e analisar um objeto como substância simples, primária, passível de compreensão. A pandemia planetária causada pelo SARSCOV-2 imobilizou, de forma distópica, nosso presente histórico.

A imobilidade *antimesiânica* imposta pela pandemia-mundo a que hoje assistimos, e da qual somos todos vítimas atuais ou potenciais, induz justamente a provocar a reflexão filosófico-historiográfica, ou seja, a explosão do *continuum* da história em uma multiplicidade de “agoras”. Pode ser uma trágica ironia, mas o tempo presente, tão desgastado pela COVID-19, nos permite pensar que, afinal, não se faz história – nem História – imerso em um tempo homogêneo e vazio, que os historiadores devem preencher com fatos, sequências, cronologias...

Parece-nos, enfim, que a preocupação do Grupo e da Revista *Brathair* com a ideia e a prática de uma História Pública necessariamente enseja a reflexão do historiador sobre as doenças na história, as doenças da História e a historicidade trágica de nossa condição finita no mundo.

Desejamos boa leitura a todos!

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História*. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LE GOFF, Jaques (Org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O Corpo: o homem doente e sua História. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 141-159.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo, os Ritos, os Sonhos, o Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.